



AS POSSIBILIDADES DE APROXIMAÇÃO E DIÁLOGO ENTRE ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA VIA MODELO FORMATIVO: O CASO DA ECI/UFMG

*THE POSSIBILITIES OF RAPPROCHEMENT AND DIALOGUE BETWEEN ARCHIVAL, LIBRARY
AND MUSEUM STUDIES THROUGH TRAINING MODEL : THE CASE OF ECI / UFMG*

José Alimateia de Aquino Ramos¹
Carlos Alberto Ávila Araújo²

RESUMO: Apresenta resultados de uma pesquisa que buscou identificar as percepções dos docentes da Escola de Ciência da Informação da UFMG sobre as possibilidades de aproximação e diálogo via modelo formativo entre os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia tendo a Ciência da Informação como campo integrador. Os resultados destacam as relações estabelecidas entre a Ciência da Informação e estas áreas, bem como a visão dos docentes sobre a ideia de Ciência da Informação como base para a formação nestas áreas. Apresenta a visão dos docentes sobre os pontos convergentes entre as áreas, bem como os pontos que dificultam a integração destas áreas do ponto de vista do modelo formativo.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivologia. Museologia. Biblioteconomia. Ciência da Informação – Diálogo. Ciência da Informação – Modelo formativo – Campo integrador.

ABSTRACT: *Presents results of a study that sought to identify the perceptions of teachers of the School of Information Science , UFMG about the possibilities of rapprochement and dialogue via training model between courses of Archival , Library and Museum Studies with Information Science as an integrating field. The results highlight the relations between information science and these areas as well as the views of teachers on the idea of information science as a basis for training in these areas . Presents the view of teachers on the convergence between areas , as well as items that hinder the integration of these areas from the point of view of the training model.*

KEYWORDS: *Archival. Museum studies. Library science. Information science – Dialogue. Information science - Training model - Integrating Field.*

¹ Professor do Departamento de Biblioteconomia da UFES. Doutorando em Ciência da Informação na UFMG. Vitória –ES –Brasil. E-mail: alimateia2002@yahoo.com.br

² Professor da Escola de Ciência da Informação da UFMG. Doutor em Ciência da Informação pelo PPGCI-UFMG. Belo Horizonte – MG – Brasil. Email: casalavila@yahoo.com.br

Recebido em: 02/09/2013 – **Aceito em:** 17/02/2014

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos tem-se verificado um crescimento substancial na oferta de cursos de graduação em Arquivologia e Museologia em todo o país. O aumento destes cursos teve como impulso o Plano de Reestruturação e Expansão do Ensino Superior (REUNI) implementado pelo governo federal brasileiro a partir de 2008. O que se observa, é que boa parte destes cursos foram criados no espaço acadêmico institucional da Ciência da Informação. Na totalidade de casos, em relação à Arquivologia, e em alguns casos, em relação à Museologia, tais cursos foram criados em departamentos ou escolas de Ciência da Informação. Nestes locais, normalmente já existiam cursos de graduação em Biblioteconomia e de pós-graduação em Ciência da Informação (com algumas exceções, onde existiam cursos de Arquivologia). Neste caso, esta nova configuração traz para estes espaços o convívio de três diferentes áreas profissionais com diferentes configurações históricas e teóricas. Neste sentido, Araújo destaca que alguns desafios apareceram tais como:

A necessidade de se justificar o pertencimento ou a inserção destas áreas no âmbito do espaço institucional da Ciência da Informação; ou, então, no caso de algumas universidades, até mesmo encontrar conjuntos de conhecimentos comuns às três áreas, para que fosse possível a criação de um tronco comum de disciplinas e atividades acadêmicas (ARAÚJO, 2010, p.174).

Neste contexto, algumas escolas e departamentos de Ciência da Informação propuseram algum tipo de estratégia com a finalidade de estabelecer diálogo e aproximação entre as áreas. Este é o caso da Escola de Ciência da Informação da UFMG, do Departamento de Ciências da Informação da UFRGS, e a Faculdade de Ciência da Informação da UNB. Em todos estes casos, as estratégias elegem a Ciência da Informação como possível campo de aproximação entre as áreas. Isso traz alguns questionamentos que nos levaram a propor este trabalho. Até que ponto a Ciência da Informação tem potencial para atuar como campo integrador para estas áreas? Que pontos de convergência entre as áreas podem facilitar esta integração? O que pode dificultar esta integração?

Como objeto empírico desta pesquisa optamos pela Escola de Ciência da Informação da UFMG que propôs como estratégia de aproximação e diálogo entre áreas um tronco comum de disciplinas e atividades acadêmicas implementado no ano de

2008. Escolhemos como grupo de pesquisa, os docentes, atores que executam esta ideia. Importante considerar que parte destes docentes ainda não fazia parte da escola em 2008 e não participaram da elaboração da proposta de tronco comum. Os docentes do curso de Arquivologia e Museologia foram contratados posteriormente e encontraram o tronco comum pronto.

Investigar e analisar este processo de integração curricular entre as áreas a partir das concepções dos docentes da Escola de Ciência da Informação da UFMG constitui o nosso objetivo da pesquisa desenvolvida na tese de doutorado em andamento no PPGCI-UFMG. Nesta pesquisa dividimos o universo de 42 docentes lotados na ECI-UFMG em quatro grupos seguindo os seguintes critérios: Grupo (A): oito docentes contratados via REUNI para o curso de Arquivologia; Grupo (B): seis docentes contratados via REUNI para o curso de Museologia; Grupo (C): 14 docentes com formação em Biblioteconomia; Grupo (D): 15 docentes com formação em nível de graduação sem relação com a Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, mas com alguma relação de formação com a Ciência da Informação, seja em mestrado ou doutorado, ou como docente e orientador em Ciência da Informação.

Após definirmos os quatro grupos escolhemos uma amostra intencional, com quatro docentes do grupo (A), quatro docentes do grupo (B) quatro docentes do grupo (C) e quatro docentes do grupo (D). No interior destes grupos optamos por diferenciar os entrevistados pela numeração crescente (1, 2, 3, 4). Esta estratégia visa garantir o anonimato aos investigados utilizando a letra após o número do grupo a qual ele pertence para identificá-lo no momento da análise dos dados. Ex: entrevistado (1 A)

A entrevista semiestruturada foi o instrumento que privilegiamos para obter os dados de nossa investigação. Definimos o roteiro de entrevista de acordo com os seguintes eixos norteadores: percepção dos docentes sobre relação da CI com as áreas que compõem o campo; a percepção dos docentes sobre os pontos convergentes entre as áreas; a percepção dos docentes sobre os pontos que dificultam esta integração entre as áreas; a percepção dos docentes sobre a experiência de tronco comum proposta da ECI-UFMG para a integração entre as áreas. Este artigo destaca a percepção dos docentes captada nos três primeiros eixos do roteiro.

2 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO COMO CAMPO INTEGRADOR PARA AS ÁREAS DE ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA

O campo da Ciência da Informação é um espaço de relações objetivas que congrega indivíduos e instituições com perfis e histórico de constituição muito diversificado. Gonzalez de Gomez (2000, p.1) entende que o campo das atividades e dos estudos da informação reformula o espaço de saberes e técnicas até então ocupado quase exclusivamente pelas instituições de memória e a documentação (bibliotecas, arquivos, museus, centros de documentação).

Esta reformulação destes saberes pode ter elevado a Ciência da Informação a se colocar como o campo de conhecimento responsável pela base conceitual para se pensar as práticas nestes espaços, tal como observam Smit e Barreto (2002) que defendem a subordinação do saber profissional a este campo de conhecimento.

Nesta mesma linha, Almeida (2010) entende que a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia constituem a esfera profissional do campo da Ciência da Informação. Ele utiliza os conceitos conhecimento científico e conhecimento ocupacional para justificar a subordinação das áreas ao campo da Ciência da Informação.

Para o autor, a Ciência da Informação é o campo de conhecimento responsável pelo desenvolvimento da base de conhecimento científico, definida resumidamente, como o conjunto de conhecimentos científicos, as teorias consolidadas, os conceitos aceitos pelos pares, além de pesquisadores interagentes e os termos próprios de um campo (um limite discursivo e um terreno de embates), mesmo que estes sejam partilhados por outras áreas. Já as habilitações da área (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) constituiriam a base de conhecimento ocupacional, ou seja, o corpo de conhecimentos sistematizado e teorizado sobre as práticas, disponível para uso, manutenção e desenvolvimento da profissão (ALMEIDA, 2010, p.6,9).

Em geral, a denominação que define a Ciência da Informação como área mais geral do campo, sendo as áreas relacionadas à formação profissional vistas como subáreas tem como base a Tabela Áreas do Conhecimento (TAC) utilizada pelas agências de fomento, CNPq, CAPES, que aloca a Ciência da Informação na grande área

Ciências Sociais Aplicadas e a subdivide em grandes subáreas: Teoria da Informação, Biblioteconomia e Arquivologia.

Nessa subdivisão percebe-se que a TAC coloca a Arquivologia e a Biblioteconomia como subáreas da Ciência da Informação. Se observarmos o desenvolvimento histórico das duas áreas, percebe-se que no processo de institucionalização das áreas há o entrelaçamento delas em termos de utilização de espaço institucional, característica que pode ser observada de forma bem forte entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, mas que perde força quando se observa a relação da Ciência da Informação com a Arquivologia e a Museologia, sendo que essa última não é colocada na TAC como subárea da Ciência da Informação.

A Ciência da Informação institucionalizou-se no Brasil em espaços antes ocupados pela Biblioteconomia e pela Documentação. Isso teve como reflexo a experiência americana. Saracevic (1978, p.6) destaca que em 1970, os cursos e programas em Ciência da Informação nos Estados Unidos eram oferecidos em uma variedade de estabelecimentos acadêmicos sendo que a maioria dos programas e cursos em Ciência da Informação estava localizada em escolas de Biblioteconomia. Dias (2000, p. 70) observa que nos Estados unidos a denominação mais comum para as escolas mais importantes para a área é Biblioteconomia e Ciência da Informação. Os docentes e pesquisadores estão quase todos nas escolas de biblioteconomia e ciência da informação. Ele destaca: “quando alguém usa a designação biblioteconomia e ciência da informação devemos entender que existe o propósito de fazer referência ou atuar em todo o espectro desse campo do conhecimento”.

Seguindo uma matriz anglo-saxã o primeiro curso de pós-graduação em Ciência da Informação do Brasil foi criado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, espaço ocupado em sua maioria por profissionais da Biblioteconomia e Documentação, posteriormente, esta institucionalização expandiu-se para a transformação dos programas de mestrado em Biblioteconomia em programas de pós-graduação em Ciência da Informação. Em trabalho de 2009 Souza e Stumpf (p.54) destacam que no Brasil todos os programas em Ciência da Informação estão vinculados a uma unidade universitária que oferece um curso de graduação em Biblioteconomia. Posteriormente, isto muda com a criação do programa de pós-graduação do FIOCRUZ.

A Arquivologia teve ao longo do tempo relações mais fortes com a História e a Administração. Silva (2010, p.3) considera que há três visões dos arquivos, uma histórica que privilegia a dimensão patrimonial de acervos custodiados, para servirem a produção historiográfica; uma visão gerencial que privilegia efetuar um controle eficiente da administração, com a aplicação de princípios e técnicas para reduzir a quantidade e melhorar a qualidade dos documentos, manter e utilizar os documentos no exercício das atividades dessas instituições e assegurar a transferência sistemática para depósitos intermediários os documentos e uso não corrente e efetuar a avaliação dos documentos preservando aqueles que têm valor permanente para a instituição; e por fim uma visão informacional onde a função dos arquivos estaria na perspectiva das possíveis reutilizações da informação gerada e estruturada por processos de trabalho, que lhes impõem uma interpretação contextual.

Apesar desta reconhecida relação histórica da Arquivologia com a Administração e com a História, foi nas escolas, departamentos e institutos de Biblioteconomia e Ciência da Informação que ela encontrou o espaço institucional onde desenvolve suas pesquisas e ministra sua formação profissional. Atualmente a Arquivologia conta com 16 cursos de graduação funcionando em espaços institucionais cuja denominação está relacionada à Ciência da Informação, seja escola, departamento, instituto ou faculdade de Ciência da Informação.

No caso da Museologia, o que se observa é que só recentemente houve uma aproximação da área ao campo da Ciência da Informação. Diferentemente da Arquivologia e da Biblioteconomia, a Museologia não mantém a mesma força na relação institucional com Ciência da Informação. Com exceção dos novos cursos criados, via REUNI, no espaço institucional da Ciência da Informação, os cursos de Museologia estão dispersos em diferentes espaços, relacionando-se ora mais com a História, ora com a Antropologia, ora com as Artes.

Estes vínculos institucionais estabelecidos entre as áreas podem levar à ideia de subordinação destas áreas em relação à Ciência da Informação, elevando-a a grande área que dá a base conceitual e teórica para as demais e isso, traz como resultado propostas de modelos formativos que busquem a integração destas áreas tendo a Ciência da Informação como estrutura comum de formação.

Tanus (2013, p.116) apresenta um mapa que demonstra os vínculos institucionais entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia agrupando as áreas em seis distintas categorias (A, AB, ABM, B, BM e M), as quais foram definidas segundo a existência dos cursos dentro de uma mesma instituição de ensino superior. A categoria ABM destaca as sete instituições onde se localiza os três cursos numa mesma instituição. No caso da UFBA, UFPA, UFSC o curso de Museologia vincula-se a departamentos fora da Ciência da Informação. Na UNIRIO os cursos possuem departamentos separados, mas há proximidades entre as áreas. Na UFMG, UFRGS e UNB os cursos estão em um mesmo espaço institucional, departamento, escola ou faculdade de Ciência da Informação. São nestes espaços institucionais que têm surgido algumas tentativas de aproximação entre as áreas, com destaque para a proposta de tronco comum de disciplinas e atividades acadêmica implementada pela Escola de Ciência da Informação da UFMG em 2008.

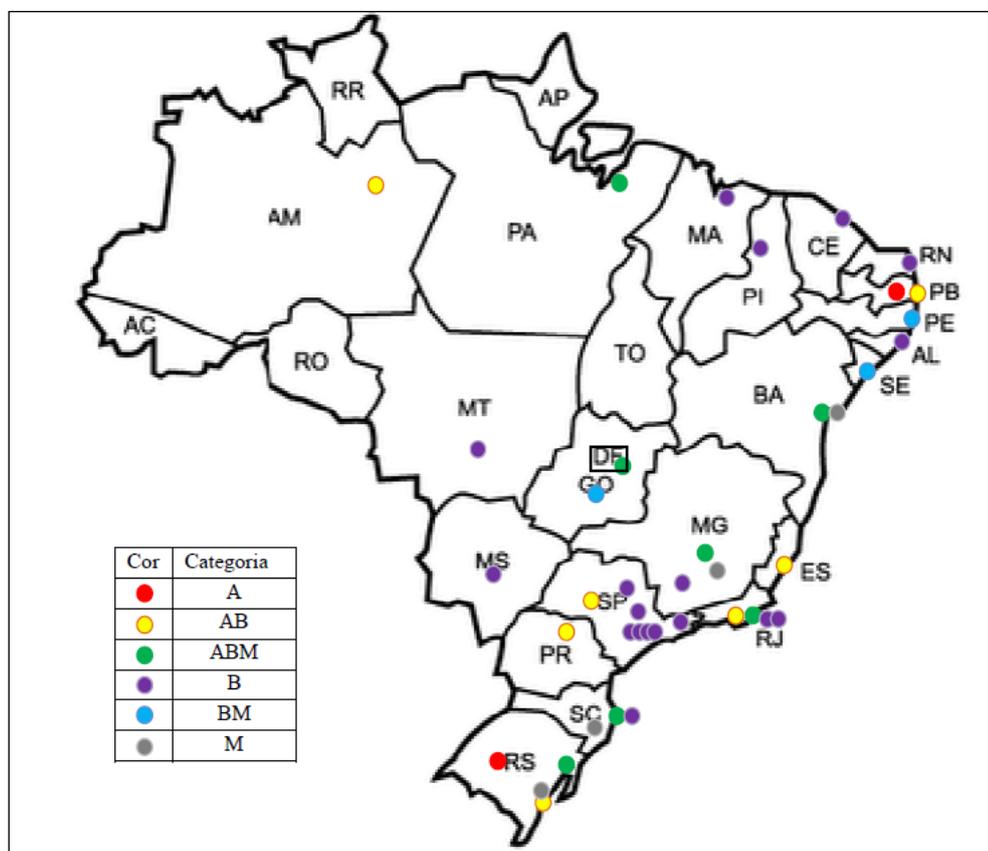


FIGURA 1 - Localização das seis categorias nos estados brasileiros

Fonte: Gabrielle Francinne Tanus, 2013, p.116.

Esta proposta de tronco comum da ECI-UFMG traz a ideia de que a Ciência da Informação seria a estrutura comum de formação para as três áreas. A seguir apresentamos a sistematização das falas docentes da Escola de Ciência da Informação da UFMG destacando a percepção destes sobre a ideia de ter Ciência da Informação como grande área que abarca as demais e em seguida o que eles consideram como pontos de convergência e divergência entre estas áreas no sentido de possibilitar a aproximação entre elas do ponto de vista de um modelo formativo integrador.

3 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DE PESQUISA

3.1 A Ciência da Informação como campo integrador

As propostas de aproximação e diálogo entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia têm, em quase todos os casos, a ideia de que a Ciência da Informação funcionaria como campo base para esta integração, como demonstra Cendon et al (2008) e Araújo, Marques e Vanz (2011).

As falas dos entrevistados destacam a percepção de que as áreas são autônomas e que a Ciência da Informação é uma área no mesmo patamar hierárquico que as demais. Embora em algumas falas apareça a ideia de que existe uma dimensão informacional e documentária que perpassa estas áreas, isso não configura, para estes entrevistados, a subordinação destas áreas a Ciência da Informação. A Ciência da Informação não é vista como base teórica para estas áreas, no sentido de que a produção teórica da área não é suficiente para abarcar as questões que são colocadas pelas outras três áreas.

Os entrevistados (3 C) (2 C) (1 C) (1 D) destacaram que, inicialmente, o objetivo da ECI-UFMG era criar um tronco comum de atividades acadêmicas tendo a Ciência da Informação como estrutura básica de formação para as demais áreas, ou seja, o entendimento da escola era de que há uma dimensão informacional que é comum para as três áreas.

Os entrevistados (1 A) (2 D) e (4 D) entendem que esta leitura de Ciência da Informação como grande área não é unânime nem nas agências de fomento, pois a

Museologia não faz parte da Ciência da Informação na Tabela de Áreas de Conhecimento. Destacam outras classificações como a Classificação Decimal Universal (CDU), onde a arquivologia fica dentro da área de História e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) que traz uma visão muito diferente desta ideia de Ciência da Informação como guarda-chuva.

Os entrevistados (1 B) e (2 B) entendem que a Museologia é uma área autônoma e defendem a manutenção da singularidade do campo através do seu fortalecimento em termos institucionais. Destacam que há estratégias de buscar a ampliação desta autonomia em relação à Ciência da Informação com a criação de comitês próprios para a avaliação dos cursos, tarefa antes executada por comitês definidos no âmbito da Ciência da Informação.

A ideia de guarda-chuva, de que uma área é mais ampla e serve como campo integrador para as demais leva a ideia de que esta área pode ser a base conceitual e teórica para as demais, tal como defendem Smit e Barreto (2002). A maioria dos entrevistados discorda desta ideia e entende que cada área possui suas tradições teóricas e raízes diferentes da Ciência da Informação.

O entrevistado (1 C) entende que a Ciência da Informação não é central, ajuda em questões ligadas ao acesso à informação, mas não é fundamentação principal. Já o entrevistado (3 D) entende que a Ciência da Informação é um tipo de olhar informacional que perpassa as três áreas, mas que não é a base conceitual para estas áreas porque elas têm suas próprias tradições teóricas.

O que se percebe pelas falas de alguns entrevistados é a proximidade entre Biblioteconomia e Ciência da Informação do ponto de vista da base teórica, mas Arquivologia e Museologia estão muito distantes pela própria constituição histórica das áreas. Os entrevistados (2 B) (4 B) (4 A) e (2 D) entendem que a Ciência da Informação não consegue abarcar toda a produção teórica criada para as áreas. Os entrevistados (2 B) e (4 A) destacam que esta ideia da Ciência da Informação como base conceitual desconsidera o processo de criação e maturação do pensamento desenvolvido nas outras áreas.

O entrevistado (2 C) entende que a dificuldade da Ciência da informação colocar-se como base conceitual para as demais áreas reside no fato de que a Ciência da Informação não tem clareza de sua própria definição como campo disciplinar,

questionando como ela poderia ser a base sem ter clara sua definição disciplinar. Neste sentido, alguns entrevistados destacam que a base deve ser buscar nas ciências humanas e sociais e não na Ciência da Informação.

O entrevistado (2 A) entende que a Ciência da informação não é base conceitual, mas os pesquisadores da área precisam construir esta base a partir do que havia anterior a Ciência da Informação, no caso a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia. Os pesquisadores deveriam estudar isso, como encontrar o que há de comum entre as áreas e fortalecer a Ciência da Informação e não contrário, que a Ciência da Informação tem as premissas e esses cursos saem dela.

As falas dos entrevistados deixam transparecer o lugar que a Ciência da Informação representa junto às áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Ela é uma quarta área, autônoma e que divide com as outras três áreas um espaço nas ciências sociais aplicadas. Portanto, em sua maioria, os entrevistados rejeitam a ideia de Ciência da Informação como grande área que nutre as demais com princípios e teorias. Não descartam a possibilidade de diálogo e aproximação entre as áreas, mas procuram explicitar a especificidade e autonomia das áreas.

3.2 As relações estabelecidas entre a Ciência da Informação e as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia

Apesar de discordarem da ideia de subordinação dessas áreas em relação à Ciência da Informação do ponto de vista teórico e conceitual, os entrevistados reconhecem que existem relações importantes do ponto de vista da pesquisa desenvolvida nas áreas. Percebe-se nas falas o reconhecimento de que esta relação é mais forte entre Biblioteconomia e Ciência da Informação por razões da própria constituição histórica destas áreas.

Sobre a relação da Ciência da Informação e a Arquivologia as falas dos entrevistados destacam a ideia de forte relação entre as áreas do ponto de vista institucional, tal como destaca os trabalhos de Marques (2008). Segundo a maioria dos entrevistados relacionados ao curso de Arquivologia, a área se aproximou da Ciência da Informação por uma oportunidade institucional de desenvolver pesquisas em nível de



mestrado e doutorado. Eles observam que a Ciência da Informação funcionou mais como um abrigo estrutural do que intelectual para a área de Arquivologia.

O entrevistado (1 A) entende que a Ciência da Informação é a área que mais tem abrigado pesquisas com temáticas de Arquivologia e continuará sendo porque a Arquivologia é um campo pequeno e de autonomização recente no Brasil. O entrevistado (2 D) tem essa mesma visão, no entanto ele destaca a importância de se ver até que ponto estas dissertações e teses que foram produzidas nestes programas trabalharam essencialmente com os conceitos da Arquivologia e até que ponto elas fizeram reflexões sobre esta proximidade de Arquivologia e Ciência da Informação.

As falas de dois entrevistados (1 A e 2 A) destacam que há posições diferentes na Arquivologia sobre esta proximidade com a Ciência da Informação. Há os que veem com bons olhos esta proximidade e os que entendem que a Arquivologia precisa se autonomizar, tem que buscar seu próprio caminho através do seu fortalecimento institucional fora da Ciência da Informação.

O entrevistado (3 A) reconhece a proximidade entre Arquivologia e Ciência da Informação, no entanto observa que esta relação é bem diferente da que há entre Ciência da Informação e Biblioteconomia, pois em momento algum ele consegue perceber que a Arquivologia tenha contribuído para o surgimento da Ciência da Informação. Já a área de Biblioteconomia e documentação em qualquer manual de história da Ciência da Informação que você pegar você percebe esta conexão.

Sobre a relação da Biblioteconomia com a Ciência da Informação percebe-se a visão de que estas áreas possuem uma relação de continuidade, de aproveitamento de base teórica e espaços institucionais que pode ser observada na história destas duas áreas. O entrevistado (4 C) observa que algo se fez sob o nome Biblioteconomia que é diferente do que se fez sob o nome documentação que é diferente do que se fez sob o nome Ciência da Informação. Estes nomes implicam em certos conteúdos que foram se relacionando e influenciando uns aos outros. “O que tem que se levar em conta é justamente como elas efetivamente ocorreram historicamente, sob estes nomes diferentes, e implicações”.

O entrevistado (3 D) destaca que é um grande debate se a Biblioteconomia está embutida na Ciência da Informação ou se são áreas diferentes. Algumas falas destacam que a Ciência da Informação tem do ponto de vista teórico, uma forte herança da

Biblioteconomia, isto deixa os pesquisadores da Biblioteconomia muito à vontade no mesmo espaço institucional da Ciência da Informação.

Em alguns momentos percebe-se que a discussão em torno dessa relação não é pontual, exige discussões mais aprofundadas. A fala do entrevistado (3 C) demonstra isso no sentido de que existe uma questão de identidade que parece ser um ponto importante nesta discussão. Ele destaca que “a Biblioteconomia contribuiu muito com a Ciência da Informação no que se refere ao desenvolvimento teórico, mas em algum momento deste processo histórico de relação entre as áreas a Biblioteconomia perdeu e identidade e acabou virando Ciência da Informação sem se dar conta disso”.

Nesta mesma linha, o entrevistado (2 B) percebe que esta relação entre Biblioteconomia e Ciência da Informação é mais complexa do que simplesmente, uma contribuindo para o desenvolvimento da outra, ele entende que existe uma coisa que ainda não é resolvida entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação, “a Ciência da Informação foi colocada como uma grande área, quando muitas vezes ela tem um diferencial de ponto de inflexão, de pensamento tão grande com relação a uma Biblioteconomia clássica que para mim são quase duas áreas em disputa. E como se uma estivesse se sobrepondo a outra”.

O entrevistado (2 C) entende que a Ciência da Informação está muito presa a autores e referenciais teóricos da Biblioteconomia e que ela precisa ser repensada, porque, em nível de Brasil “As pessoas que estão historicamente atuando na parte teórica, nos fundamentos da Ciência da Informação estão ligadas a Biblioteconomia, a instituições que estavam ligadas a Biblioteconomia e a documentação”.

Diferentemente da Biblioteconomia e a Arquivologia que possuem relações históricas com a Ciência da Informação do ponto de vista dos vínculos institucionais, na Museologia só recentemente com a criação dos novos cursos em departamentos e escolas de Ciência da Informação percebe-se esta aproximação.

As falas destacam que a Museologia é interdisciplinar e isso a aproxima da ciência da Informação, mas essa proximidade é a mesma estabelecida pela área com outras ciências sociais. Apesar dessa proximidade, o entrevistado (1 B) destaca que “o conceito de informação que é central na Ciência da Informação não é central na Museologia”.

Algumas falas destacam a dificuldade da Museologia se encaixar na Ciência da Informação. Os entrevistados (1 C) (2 C) entendem que no Brasil a Museologia tem dificuldades de se se ver como Ciência da Informação, pois “a Museologia tem características muito solidificadas na história e na área de artes e por isso, há dificuldades em se colocar na área de Ciência da Informação”.

O entrevistado (4 C) tem outro ponto de vista e observa que na própria Museologia pode se encontrar literatura em vários idiomas ou no próprio Brasil que trata da Museologia do ponto de vista da organização da Informação e da reprodução de mensagem para fornecer informação a alguém. Ele considera impossível fazer pesquisa séria nas três áreas sem levar em consideração os processos documentários que perpassam essas áreas.

As falas em torno da relação das três áreas com a Ciência da Informação demonstram proximidade, mas esta proximidade está muito relacionada aos vínculos institucionais, há pouco destaque para as questões de cunho teórico e epistemológico. A Ciência da Informação funciona mais como abrigo estrutural do que teórico. As questões teóricas que envolvem a aproximação entre as áreas ainda estão por ser construídas.

3.3 Pontos de convergência entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação

Os pontos de aproximação entre as áreas são explicitados de maneira diversa pelos entrevistados. Temos casos em que esta aproximação é vista através de alguns pontos de contato e outros casos em que há o destaque para temáticas comuns às áreas e que podem compor disciplinas envolvendo os três cursos de graduação. Algumas falas destacam a ideia das Ciências Sociais Aplicadas como grande ponto de união e em outros casos, grandes temas transversais, como Memória e Patrimônio e a Cultura são destacados como pontos de união.

Um ponto que aparece com grande destaque como ponto de aproximação entre as áreas é objeto de trabalho e neste sentido, destacam-se as noções de **informação** e **documento**. O conceito de informação é um dos principais pontos destacados como unificador das áreas. Alguns entrevistados destacam a ideia de que existe uma dimensão

informacional que perpassa as três áreas, no sentido de que todas lidam com a informação, trabalham com questões de promoção do acesso a informação, do uso efetivo desta informação. O entrevistado (2 C) entende que todas estas áreas possuem atores que estabelecem relações com a questão da informação, com os fluxos de informação, embora diferenciados, de acordo com a área, este olhar, este foco é destacado como eixo de discussão, de diálogo entre as áreas.

O que se observa em algumas falas é que a informação é o objeto de trabalho, mas com características diferentes, pois as áreas possuem sua identidade e especificidades. “O objetivo é similar que é dar acesso a esta informação, mas este acesso é diferenciado, pois as áreas têm públicos diferentes, procedimentos diferentes” (entrevistado 3 C).

Em alguns momentos os entrevistados destacam a noção de **documento** utilizada para contrapor a noção de informação. Os entrevistados (3 A) e (3 B) entendem que existe uma noção de documento arquivístico, uma noção museal de documento, outra de documento bibliográfico, existe a noção de documento em geral. E entendem ser importante mostrar onde há pontos em comum e onde há diferenciações nesses conceitos de documento.

Para o entrevistado (4 A) “a base da Arquivologia é entender o que é um documento arquivístico. Documentos com características extrínsecas (suporte) e intrínsecas (uma delas é a informação)”. O entrevistado (2 D) defende uso da noção documento, pois ela é anterior a noção de informação e ainda não foi superada por ela. O arquivo antes de trabalhar com o conceito de informação ele trabalhou com o conceito de documento.

Esta diferenciação de documentos nestas diferentes áreas implica uma série de procedimentos que são muito diferentes de tratamento técnico da informação. O entrevistado (3 A) entende que em todos estes momentos o documento tem um valor informacional, esta dimensão informacional que está presente nestes documentos são os momentos que você pode estabelecer diálogos com a área de Ciência da Informação.

Fugindo da ideia de que é o objeto de trabalho como principal ponto de interlocução entre as áreas, alguns entrevistados (1 A) (4 A) (2 B) (4 B) e (1 C) destacam dois temas que consideram um dos grandes nódulos entre as áreas: a questão da **memória** e o do **patrimônio**. A ideia de memória e do patrimônio é colocada por

algumas falas como um elemento fundante para o pensamento da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Museologia.

O entrevistado (1 A) observa que há uma historicidade entre as instituições arquivo, museu e biblioteca que as aproxima no sentido de que são instituições de guarda da memória humana. Os entrevistados (2 B) e (4 B) entendem que a questão da memória e do patrimônio é um ponto de convergência para as três áreas. Pois tanto a Ciência da Informação como a Museologia, Arquivologia e a Biblioteconomia trabalham com elementos de formação que possuem um peso social importante. E este peso social se traduz na necessidade de guardar coisas, de produzir memória e de criar, de constituir um corpo de elementos comuns a determinados grupos que são tidos como sua herança.

O entrevistado (1 C) entende que o que une arquivo, biblioteca e museu é a função social de preservação da memória. Todas estas três áreas respondem a esta demanda de memória, de preservação da memória, de formas diferentes, com algumas nuances diferentes.

Outras temáticas são destacadas como comuns, mas estão relacionadas com a operacionalidade do trabalho nas áreas, por exemplo: **gestão** das instituições de guarda, o estudo de **usuários**, a **preservação** e conservação, **organização** de informação e de acervos e as **tecnologias** da informação.

O entrevistado (4 A) destaca como temas em comum, além da questão da memória e cultura, a questão da representação; estudo de usuários; a aplicação de novas tecnologias; conjuntura política, econômica e social; e, a questão da preservação e conservação. O entrevistado (2 B) destaca as temáticas da **ação educativa** e **documentação** museológica como importantes pontos de convergência entre a Museologia e as demais áreas.

O entrevistado (2 A) destaca as temáticas organização e tratamento da informação, pois as três áreas têm que organizar os acervos e tirar deles as informações, classificando, indexando etc.[...] Usuário, porque este trabalho é feito para os usuários. [...] Comunicação científica e algumas disciplinas mais politizadas, que falem da situação socioeconômica do país, que forme o profissional não como um técnico solto no espaço.

O tema da preservação de acervos é outro que recebe citação dos entrevistados como pontos de união entre as áreas. Se memória e patrimônio é tema central para as áreas, a preservação dos acervos que guardam essa memória é tema que ganha importância. Os entrevistado (1 B) e (4 D) destacam esta importância.

Outro ponto destacado como relevante é a gestão destes espaços que envolvem a área tanto de arquivo, quanto do museu, quanto da biblioteca. As instituições (bibliotecas, arquivos e museus) são organizações, ou partes de organizações que precisam ser gerenciadas. O entrevistado (4 D) entende que o que eles têm em comum mais do que a informação que é muito genérica, é a gestão, gestão de unidades, de unidades de guarda que é a custódia.

O entrevistado (1 D) destaca a questão da **cultura** como ponto de convergência entre as áreas, pois são profissões da cultura, e como profissões da cultura o grupo de profissionais que vai ser formado nestes cursos precisa ter esta possibilidade de interlocução do ponto de vista mais amplo com a dimensão cultural, histórica e política para ter uma compreensão mais ampla da realidade social e da ação destas funções neste contexto da sociedade.

Nesta linha da questão cultural como ponto de convergência, a grande área das **ciências sociais aplicadas** aparece como ponto de união entre as áreas. Ou seja, o que une Biblioteconomia, Arquivologia, Museologia e Ciência da Informação é o fato de todas elas serem uma Ciência Social Aplicada, é nessa grande área que elas buscam o referencial teórico de base.

Os entrevistados (1 B) (1 C) (1 D) e (2 D) entendem que as áreas utilizam mais a área das Ciências Sociais Aplicadas como base teórica do que a Ciência da informação. Ou seja, tem algo mais amplo. O entrevistado (1 B) defende que o ponto de união entre a Museologia, a Biblioteconomia e a Arquivologia é a áreas das Ciências humanas e sociais. Para isso, ele defende um núcleo comum voltado para as ciências sociais, para a antropologia, para história dos registros humanos, enfim, é um núcleo que passa muito pela filosofia, uma introdução a filosofia.

3.4 Pontos que dificultam a aproximação e diálogo entre as áreas

Ao mesmo tempo em que destacaram os pontos de convergência entre as áreas os entrevistados destacaram alguns pontos que consideram críticos no sentido de se pensar a aproximação das áreas via modelo formativo. Abaixo destacamos os principais pontos que dificultam esta aproximação.

Um ponto destacado como dificuldade de diálogo é a questão da **identidade** entre as áreas. Esta questão se manifesta de diversas formas entre os entrevistados, podemos destacá-la do ponto de vista das tradições profissionais, que leva também a discussão da regulamentação profissional; do ponto de vista das disputas por espaço de trabalho; do ponto de vista das especificidades de cada área; do ponto de vista do marco teórico de cada área.

O entrevistado (1 A) entende que o fato destes três campos, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia já ter uma história mais longa fez com que se formassem **grupos profissionais** muito consolidados e que tal fato, por vezes, leva a certa resistência ao diálogo. A existência de uma identidade profissional leva ao **corporativismo** e isto é um empecilho para um diálogo mais aberto entre as áreas.

Os entrevistados (1 D) e (2 A) entendem que o que dificulta a aproximação entre as áreas está mais no nível da **política** do que no nível da teoria. O que separa é muito mais uma questão de delimitação de identidade do campo do que efetivamente no nível da teoria. Esta coisa de ficar na briga da identidade, eu sou arquivo, eu sou biblioteca, eu sou museu.

Os entrevistados (2 A) e (4 D) destacam a questão da **regulamentação** profissional como entrave a aproximação entre as áreas. A questão da regulamentação leva a delimitação de espaços de trabalho para cada profissão e isto leva ao corporativismo destacado pelo entrevistado (1 A), o que leva outro ponto que pode ser um entrave ao diálogo entre as áreas que é a disputa por espaços de trabalho, principalmente entre Arquivologia e Biblioteconomia.

Outro ponto de dificuldade destacado por quase todos os entrevistados é a questão das **especificidades** de cada área. Os procedimentos são específicos; o usuário, público, visitante é diferente; o acesso à informação ou ao conteúdo do acervo é

diferenciado. O marco teórico que sustenta as áreas também é destacado como ponto de singularidade. As questões colocadas pelas áreas são diferentes e isso as distingue.

Em todas as três áreas têm procedimentos de seleção, organização e acesso a informação, mas de acordo com o contexto de cada área, estes procedimentos possuem especificidades. Sobre a especificidade dos procedimentos, o entrevistado (3 C) observa que a prática, os fazeres das áreas são completamente diferentes.

A questão do **acesso** à informação, apesar de comum entre as áreas, é destacada pelos entrevistados como ponto de distinção entre as áreas, pois, o contexto de cada área leva a documentos diferentes, público diferente e formas de constituição do acervo diferentes. Os entrevistados (3 C) e (2 D) observam que as características de acesso ao conteúdo do acervo presente nas três áreas são muito diferentes em função do contexto de cada área. Se no caso da biblioteca o acesso pode ser irrestrito e imediato, no arquivo, ele nem sempre tem esta característica. Como destaca o entrevistado.

O entrevistado (2 D) entende que cada área possui uma **função social** que precisa ser levada em consideração quando se busca a integração da formação entre as áreas. A especificidade da função social de cada área traz consigo contextos diferentes de trabalho que implica em procedimentos diferenciados de organização do conteúdo dos acervos para atender a um público diferenciado em arquivo, biblioteca e museu. Isto nos leva a outro ponto importante destacado pelos entrevistados: as questões colocadas pelas áreas são diferentes, os olhares são diferentes, o lugar onde buscam a base conceitual é diferente.

O entrevistado (1 D) entende que a questão da informação é um ponto comum de aproximação entre as áreas, mas destaca que a **forma de olhar** para esta questão é diferente. Ela é distinta porque as perguntas que estão sendo feitas na realidade para cada um destes campos, são perguntas que exigem mergulhos em lugares diferentes para compreendê-los.

Do ponto dos entrevistados mais relacionados à área de Museologia (1 B) (2 B), a informação é importante, mas não é o central. Para estes entrevistados a questão da informação para a Museologia é importante até determinado ponto. Tem um ponto a partir do qual ela perde o significado. O objeto museológico existe a partir de valores que são agregados ao objeto que ultrapassa o ciclo da informação.

O entrevistado (2 D) falando do ponto de vista da Arquivologia observa que “a Ciência da Informação se concentra muito na questão da recuperação da informação, da agilização da informação e destaca que o papel da Arquivologia vem um pouco na contramão, pois o direito à informação muitas vezes não é este acesso indiscriminado.

O entrevistado (1 B) e (2B) observam que a Ciência da Informação e a Biblioteconomia dão excessivo às áreas tecnológicas e da administração. O entrevistado (2 B) minimiza esta importância na Museologia. “Isto não arranha nem o que é a superfície dos problemas centrais para a Museologia”. Para o entrevistado (1 B) não é a perspectiva de gestão administrativa que vai trazer o aporte para a Museologia.

O que se observa é que o olhar, o foco depende do contexto, mesmo dentro de uma própria área, como na Arquivologia, onde encontramos contextos diferentes ligados ao ciclo de vida dos documentos, tal como nos arquivos permanentes ou nos arquivos empresariais. Este olhar diferente nos leva a mergulhos em lugares diferentes, o que configura marcos teóricos diferentes para cada área.

Para alguns entrevistados, as áreas, embora possuam problemas comuns, se desenvolveram de forma diferente, com objetos de estudo e preocupações diferentes, o que configura marcos teóricos diferentes. O entrevistado (1 B) observa que as áreas já consolidaram seus marcos teóricos, seus paradigmas e isto distancia, dificulta unificar as áreas em um tronco comum. O entrevistado (2 D) entende que é preciso reconhecer os referenciais teóricos que representam a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia para fazer esta conversa com a Ciência da Informação. “Se a gente não reconhece estes três referenciais teóricos, a gente está correndo risco de tratar como acessório, coisas que são fundamentos, aspectos que são fundamentais”.

Para se buscar a aproximação entre as áreas, faz-se necessário encarar o desafio de buscar um referencial teórico que sustente esta aproximação. Segundo o entrevistado (1 D) este é o grande nó quando se pensa na aproximação entre as áreas, pois a Ciência da Informação precisa fazer um avanço teórico se quiser se colocar como área de sustentação para as áreas de organização da informação. “Os estudos em Ciência da Informação são muito descritivos e sem profundidade, muito focados em responder a situações e necessidades imediatas e não a questões teóricas e epistemológicas”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de promover qualquer proposta de aproximação entre as áreas envolve entendimentos muito diferentes, pois as áreas são muito desiguais em termos de densidade teórica, de constituição histórica e processos de institucionalização. Isto leva os praticantes destas áreas a buscar, num primeiro momento, reforçar sua identidade, demonstrar sua especificidade, destacar aquilo que a diferencia das demais áreas.

As propostas de aproximação e diálogo entre as áreas estão em processo, são recentes e carecem de maior amadurecimento teórico, de lapidação de pontos de vista para uma melhor construção conjunta. Talvez por este motivo, as falas tenham demonstrado, em alguns momentos, um tom mais negativo em relação a esta construção, tais como a pouca recepção da ideia de Ciência da Informação como base para se pensar a aproximação entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia; a negação em alguns momentos de que a informação seja o objeto de trabalho para as áreas; o excessivo destaque para aquilo que é específico de cada área em detrimento daquilo que as aproxima.

Por se tratar de processo recente iniciado com a criação dos cursos através do REUNI, pode-se considerar normal que num primeiro momento haja estranhamento por parte dos atores que implementam esta ideia de aproximação via modelo formativo. Deve-se levar em consideração que a proposta de tronco comum de disciplinas e atividades acadêmicas da Escola de Ciência da Informação da UFMG foi definida pelos professores da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação e que os professores de Arquivologia e Museologia foram contratados depois que o processo já havia sido iniciado, ou seja, não participaram da criação da proposta.

No âmbito das instituições de Biblioteconomia e Ciência da Informação é comum o entendimento de que existe esta dimensão informacional que aproxima estas áreas. No entanto, na Museologia e em parte da Arquivologia não se percebe, de forma segura, este mesmo entendimento. Surge desta forma, a necessidade de avanço teórico e epistemológico com a finalidade de superar estas diferenças e buscar a construção conjunta desta aproximação naquilo que de fato seja entendida pelo coletivo dos atores envolvidos no processo como convergente entre as áreas.

5 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlos Cândido de. Uma perspectiva internacional da articulação dos profissionais da informação com o campo da Ciência da Informação. **DataGramZero - Revista de Ciência da Informação**, v.12, n.1, fev. 2010.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Ciência da Informação como campo integrador para as áreas de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Informação e Informação**, Londrina, v.15, n.1, p. 173-189, jan./jun. 2010.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila, MARQUES, Angélica Alves da Cunha; VANZ, Samile Andréa Souza. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia integradas na Ciência da Informação: as experiências da UFMG, da UNB e da UFRGS. **Ponto de Acesso**, Salvador, v.5, n.1, p. 85-108, abr. 2011.

BARBOSA, R. R. et al. Novo nome e novo paradigma: da biblioteconomia à ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 81-91, jan./jun. 2000.

CENDON, Beatriz Valadares et al. Cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais: propostas de expansão e de flexibilização. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.3, p. 223-240, set./dez. 2008.

MARQUES, Angélica Alves da Cunha; RODRIGUES, Georgete Medleg. A construção do “campo científico” da arquivística no Brasil: debates iniciais e marcos temporais. **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)**, v.1 n.1, p.101-117, jan./jun. 2008.

SARACEVIC, Tefko. Educação em Ciência da Informação na década de 1980. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.3-12, 1978.

SILVA, Eliezer Pires da. O conceito de informação arquivística. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. **Anais...**, 11, 25 a 28 de outubro, Rio de Janeiro, 2010.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação profissional. In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. cap. 1, p. 9-24.

SMIT, Johanna W. Arquivologia/biblioteconomia: Interfaces das ciências da informação. **Informação & Informação**. Londrina, v.8, n.1, jun./dez. 2003.

SOUZA, Rozaly Fernandes de. STUMPF, Ida. Ciência da Informação como área do conhecimento: abordagem no contexto da pesquisa e da pós-graduação no Brasil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.14, número especial, p. 41-58, 2009.

TANUS, Gabrielle Francinne. **Cenário acadêmico-institucional dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia do Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Escola de Ciência da Informação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

Como citar este documento:

RAMOS, José Alimateia de Aquino; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. As possibilidades de aproximação e diálogo entre arquivologia, biblioteconomia e museologia via modelo formativo: o caso da eci/ufmg. **Rev. digit. bibliotecon. cienc. inf.**, Campinas, SP, v.12, n.2, p.59-80, maio/ago. 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em:
<<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci>>. Acesso em: 30 maio 2014.